

Profissão, tradutor hospitalar

Demanda. Unidades de saúde improvisam na comunicação com estrangeiros

RÓBINSON GAMBÔA

robinson@noticiasdodia.com.br

@Gamboa_ND

FLORIANÓPOLIS — Em uma cidade como Florianópolis, em que diferentes idiomas se cruzam em diálogos pela cidade, nem sempre é possível compreender o que os turistas dizem. Enquanto alguns setores se mostram preparados para se comunicar com estrangeiros como hotéis, pousadas e restaurantes, outros necessitam de qualificação em línguas para facilitar o trabalho. No Brasil, hospitais e postos de saúde não têm profissionais especializados na área.

O atendimento, nestes casos, ocorre no improviso, com a ajuda de colegas que arranham outro idioma. A socióloga catarinense Mylene Queiroz, 35 anos, trabalhou cinco anos em Oxford, nos Estados Unidos, como tradutora em hospitais. De volta a Florianó-

polis, ela elabora um estudo sobre a interpretação médica no Brasil, como pós-graduação em estudos da tradução. A ideia é incentivar o treinamento de profissionais que atuem na função, ainda que de forma improvisada, evitando mal entendidos que, nesses casos, podem ser fatais.

No Hospital de Caridade, assim como em outras instituições de saúde, o problema é resolvido sempre com a intervenção de colegas que dominam a língua do paciente, como explica a gerente assistencial, Tereza Deretti. Descendente de italianos, Tereza estudou esse idioma em Blumenau, antes de vir para a Capital, há dois anos. “Eu mesma já atuei como intérprete de um paciente italiano aqui”, lembra. Nesse caso, foi necessário intermediar para descobrir quais os alimentos preferidos pelo paciente, que se internou para fazer um transplante de fígado.



Experiências. Tereza Deretti (E), gerente assistencial do Hospital de Caridade, e Mylene Queiroz, socióloga e tradutora



Mylene.
Estudo sobre a interpretação médica no país. Ela pretende incentivar o treinamento de profissionais

Falta de qualificação pode causar problemas

A técnica em enfermagem Maricléia Raimundo, 40 anos, passou por situação semelhante à de Tereza no Hospital Nereu Ramos, quando um atleta estrangeiro que participava do Ironman precisou ser internado.

No ano passado, um acidente vitimou uma família de franceses, que foram socorridos no Hospital Regional de São José. A única sobrevivente foi uma criança. "Não havia ninguém preparado para conversar com ela, e explicar o que havia acontecido",

lembrou Mylene.

Em seu estudo, a socióloga e tradutora identificou que é comum o uso de linguagem corporal, como gestos e expressões faciais na comunicação com pacientes estrangeiros. A falta de qualificação, neste caso, pode acarretar em erro em algum procedimento médico. Segundo ela, Nos Estados Unidos e na Austrália a profissão de tradutor hospitalar já é regulamentada. Por aqui, o tema começa a ser discutido.

Situação brasileira é questionada no exterior

“**Não havia ninguém preparado para conversar com ela, e explicar o que havia acontecido.**”

MYLENE QUEIROZ, SOBRE UMA GAROTINHA FRANCESA QUE PERDEU A FAMÍLIA EM ACIDENTE, SOCORRIDA NO HOSPITAL REGIONAL

Para o superintendente dos hospitais públicos de Santa Catarina, Libório Foncini, a questão tem sido resolvida de forma adequada. Ele confirma que a função não existe em nenhuma instituição da rede, mas lembra que os médicos geralmente dominam outras línguas, o que ajuda no atendimento aos estrangeiros. "Em 95% dos casos, os turistas não chegam sozinhos nos hospitais, mas sim acompanhados por um guia ou um amigo brasileiro", lembra.

Mylene conta que a situação do Brasil chegou a ser relatada

durante a Conferência Internacional da Associação Internacional de Intérpretes Médicos, ano passado, nos Estados Unidos.

Na oportunidade, foi questionado como o país pretende sediar as Olimpíadas e Copa do Mundo e receber milhões de turistas com a estrutura atual, sem intérpretes profissionais nos hospitais.

Enquanto completa sua pesquisa, Mylene busca depoimentos de trabalhadores da saúde que tenham passado por essa situação. Quem tiver histórias para contar, pode entrar em contato pelo mail myleneq@gmail.com.


EVENTO
Profissionais indagaram como o Brasil sediará as Olimpíadas e a Copa do Mundo



Companhia Catarinense
de Águas e Saneamento



COMUNICADO TARIFA SAZONAL

A CASAN informa que aumentou a tolerância em cobrar o excesso de consumo de água nas áreas balneárias de 25 % para 50% sobre o consumo médio anual. Essa cobrança é uma ação utilizada pela CASAN, para incentivar o uso racional da água, beneficiando a região balneária catarinense durante o período de verão, onde o número de usuários e o consumo aumentam consideravelmente.

Os municípios atingidos são; Balneário Barra do Sul, Piçarras, Penha, Bombinhas, Florianópolis (Costa Norte e Costa Leste) Imbituba, Laguna, Passos de Torres e Garopaba. Esses municípios estarão sujeitos à cobrança da Tarifa Sazonal, considerando o consumo entre os meses de dezembro de 2010 até fevereiro de 2011.

Agora, essa cobrança só atingirá os usuários que ultrapassarem em mais de 50% o seu consumo médio anual e será calculada somente sobre o excedente consumido.

A Tarifa Sazonal está amparada na Lei Federal 11.445/2007 – Lei do Saneamento e no Decreto Estadual nº 1.033 de 25/01/2008 Use a água de forma racional. Evite o desperdício e a Tarifa Sazonal. Mais informações acesse: WWW.casan.com.br, 0800 643 0195 ou dirija-se à Agência da CASAN mais próxima.